

(Saudações protocolares)

Se o *Grândola vila morena* foi e é o hino da revolução do 25 de Abril, a canção *Liberdade* de Sérgio Godinho, que se cantou com os olhos repletos de esperança pelas ruas das cidades deste país, enumerava, naqueles dias, os desafios que tínhamos pela frente:

*Só há liberdade a sério*

*Quando houver*

*A paz, o pão, habitação*

*Saúde, educação*

Sim, em 1974 o país era profundamente desigual. Era uma ditadura e a maioria da população vivia com imensas carências.

Alguns de nós, e cada vez somos menos, ainda nos lembramos de Lisboa cercada de bairros de lata. Lisboa, Setúbal, Porto e todas as cidades de então com alguma indústria.

Para os mais novos, aqueles a quem se destina, aliás, a quem se devia destinar, estas sessões chamadas solene,

(Em improviso, mencionei a total ausência de jovens nesta sessão, e da necessidade de todos reflectirmos sobre o facto)

dizia eu, para os mais novos, talvez convenha dizer que esses bairros de lata eram ocupados por concidadãos nossos.

Não eram pessoas vindas de outras latitudes. Não, era mesmo o nosso povo que tentava fugir da miséria, maioritariamente das zonas rurais.

Quando vos tentarem convencer, e cada vez mais vão tentar fazê-lo, de que dantes é que era bom, informem-se de como era Portugal antes do 25 Abril de 1974.

Mas o refrão de Sérgio Godinho não está esgotado. Nem nada que se pareça. Acabámos com a guerra, da melhor maneira que o soubemos fazer, ou melhor, da maneira que as potência da guerra fria o deixaram fazer. Mas, 48 anos passados, os tambores da guerra voltam a ecoar pelos ares, que também são os nossos ares. Sim, é resposta a uma ignóbil invasão, mas as vozes de paz escasseiam e são mal vistas e, estranhamente, são combatidas.

Mas voltemos ao nosso 25 de Abril.

Democratizámos, com vários percalços e lutas, a nossa vida política e, em 1976, votámos a Constituição Democrática da nossa República e começámos a eleger, em liberdade, autarcas e deputados.

Então que falta fazer passados 48 anos dessa madrugada libertadora?

*o pão, habitação*

*Saúde, educação*

A educação é talvez o mais importante elevador social e o alicerce de uma sociedade justa e inclusiva . E que fizemos nesse sentido depois de termos reparado as graves mazelas que existiam? Pouco. Criámos castas. Talvez seja uma palavra um bocado dura para os nossos ouvidos. Digamos antes que criámos bolhas.

Uma bolha dos que frequentam os colégios exclusivos para os abastados e que depois vão para as melhores universidades.

São estes que depois seguem as pisadas do meio social onde nasceram.

Filho de rico continua a ir para rico e filho de pobre continua a ir, quase sempre, para pobre. Onde está o elevador social?

Temos passado demasiado tempo a combater moinhos de vento.

Temos passado demasiado tempo a sonhar com impossíveis e a criar bolhas: bolhas que impedem a mobilidade social. Bolhas no acesso à saúde que diferenciam, os que estão dentro das bolhas dos que vagueiam pelas listas e pelas esperas do Serviço Nacional de Saúde.

Bolhas na habitação, que diferenciam os que estão na bolha dos que andam pelos quartos alugados e pelas periferias das rendas que de económicas pouco têm.

E, pasme-se, uma bolha de pobres. Sim 48 anos após o 25 de Abril, foi institucionalizada uma bolha de pobres. Pobres que, por estarem nessa bolha, passam a ter direito a este e mais àquele e mais ao outro subsídio. E a um subsídio para comprar alimentos.

Uma bolha de excluídos remendados com subsídios.

Não estaremos a alimentar frustrações e desilusões em vez de reformarmos verdadeiramente a nossa sociedade?

Não será que andamos todos a fingir que tudo corre bem?

Defendo uma sociedade em que ninguém fique para trás, um sociedade inclusiva e vejo a crescer uma sociedade de profundas desigualdades, uma sociedade intolerante e exclusiva nas bolhas que vai criando e insuflando. Andamos a adubar a terra onde vão germinando os que lutam contra a democracia e que dizem ser a voz dos excluídos. E de facto cada vez são mais os excluídos.

Nesta data, nesta efeméride, é tempo de usarmos o passado como referência, mas sempre com o olhar no futuro.

Parafraseando o nosso Presidente da República, temos que encontrar respostas às frustrações, temos que encontrar respostas às desilusões, temos que encontrar respostas às fragilidades e insuficiências que o regime democrático ainda não resolveu. Façamos destas comemorações sementes do futuro e não apenas revivalismo do passado.

Viva o 25 de Abril de 1974

Viva Portugal livre e democrático

Viva Alpiarça